crónica 529, 15.6.2024 regresso às origens

Quem me conhece deve estar bem recordado de como me afirmo sempre de nacionalidade australiana, e como nos colóquios metia sempre a bandeira australiana na mesa… mais tarde por osmose com o povo açoriano descobri que tinhas as raízes transmontanas, e passados vinte anos sinto-me açorianizado.

Nestes quase cinco meses desde a morte da minha mulher e eterna companheira de 29 anos de cumplicidades sinto que tenho de continuar a viver e não posso estar aniquilado e anquilosado neste luto, nesta dor que não cessa nem diminui, apenas as lágrimas são mais escassas, mas a dor continua como punhaladas no coração e tentei imaginar o que seria o conselho dela para sair deste fosso. Creio que me mandou viver e continuar a usufruir desse dom da vida enquanto pudesse, fazendo o que teria feito se ela ainda fosse viva, fazendo, quiçá, o que nos faltou fazer, ou que fomos adiando por via do agravar da doença dela. E assim, decidi usufruir do subsídio de férias que virá no fim do mês e ir aos anos da filha (a 10 de junho) como os dois fizéramos no ano passado. Vi a filha e as netas, falamos de memórias que não voltam mais e prometemos continuar, talvez, no próximo ano na mesma data.

Dia 12.6.2024, meio-dia

Escrevo da Eucísia, não da casa oitocentista dos meus bisavós que tanta recordação evoco no meu livro ChrónicAçores volume 5, *Liames e epifanias autobiográficas*, mas da Quinta, que era do meu tio-avô Acácio Manuel Magalhães e hoje é da filha, Beatriz Licínia, que com o filho João e nora, gerem agora a original Quinta da Bela Vista Agroturismo / Bela Vista Silo Housing (imagens em <https://youtu.be/SD0oKfCLzTc> ).

Tem 2 silos de grão e forragem com 4 habitações no total, sobranceiros à aldeia, equipados de todos os luxos modernos, simples mas eficazes, que fazem esquecer o buraco nas traves de madeira que era a original casa de banho na casa dos bisavós, em plena varanda das traseiras com vista para o vasto Vale da Vilariça, citado inúmeras vezes nos meus livros. Era nessa varanda que me recordava de ter lido Júlio Diniz, Camilo, e outros e a edição completa oitocentista dos livros de Jules Verne entre os 10 e os 15 anos…As férias passadas lá na aldeia, entre os 2 e os 17 anos, eram caraterizadas, a partir dos 5 anos por serem na companhia de avós e tias, sem os pais.

Da parte de manhã a prima Beatriz (que é prima direita da minha mãe apesar de mais nova um ano do que eu) levou-me a conhecer os 10 000 m2 da Quinta das Feiticeiras (a nossa parte da herança) em frente à parte dela e que é uma enorme colina depois da Eucísia, a uns 2 ou 3 km rumo à Junqueira. Desconhecia a sua existência até a herança da minha mãe e avó…o mencionar…

Habituado à vista da casa dos avós, sobre o Vale da Vilariça e em frente a algumas casas da aldeia de Sambade, descobri novos horizontes no pátio deste silo sobranceiro à aldeia, que permite vislumbrar montes outrora escondidos, hoje abertos e esventrados pelo IC5 e outras vias rápidas e vias normais. O IC5 vem desde as cercanias de Alijó rumo a Miranda do Douro encurtando, e muito, as viagens de quase meio dia entre o Porto e a aldeia.

 Lembro-me que de Alfândega ao Mogadouro eram 2,5 a 3 horas e hoje andará pelos 40 minutos…evita-se descer de Macedo de Cavaleiros a Grijó de Vale Benfeito (terra do professor Adriano Moreira) passando depois pela Serra de Bornes (em cuja Pousada ficamos há mais de 25 anos). Adriano Moreira que fruto da sua primeira ida aos colóquios em 2008 acabaria por ofertar o seu espólio a Bragança (onde criaram uma segunda Biblioteca Municipal com o seu nome. Ele esteve segunda vez connosco em 2009 em Bragança, a seguir foi nos Açores (Lagoa) e depois em Belmonte em 2019, antes de falecer (outº 2022).

Esta vinda às berças estava há muito sonhada por nós, para a fazermos no fim de um colóquio em Belmonte, mas a minha mulher (com o seu enfisema pulmonar) acabava sempre tão cansada que nem a viagem aguentaria, mesmo dormindo na Quinta, seguindo depois para um almoço no Poças em Bragança como havíamos idealizado…No ano passado fomos de propósito nos anos da filha, lá a Bragança almoçar e foi muito cansativo para ela. Efetuo assim uma viagem revivalista que acabamos por não cumprir. Em boa hora satisfiz esse desiderato e vim conhecer este aprazível local de turismo rural na Quinta de tantas recordações infantojuvenis e adolescentes.

Só tenho pena que a minha mulher já não esteja aqui a usufruir do mesmo que eu, até porque ela gostava desta ruralidade. Ainda não fui lá abaixo à aldeia ver a ruína que herdei e para a qual sonhei (sem nunca ter meios) reconstruções e modernizações várias…Também não fui lá acima à capela de São Sebastião, dos míticos pôr-do-sol, captados em tempos a preto e branco por um “caixote” quadrado da Kodak que hoje está exposto na minha sala de estar nos Açores.

Também quero ir ao Sendim da Ribeira, terra dos meus primos que vivem em Ponta Delgada desde o 25 de abril, depois de saírem apressadamente da colónia angolana onde viviam.

Tudo isto são recordações indeléveis que me acompanharam por Timor, Macau e Austrália e me marcaram para sempre pois as revivo e rememoro a todo o passo. São 15 horas, já almoçamos e ainda não desci à aldeia nem aos outros locais onde pretendo ir e delineei há anos fazer visita de romagem de saudade, pois reminiscer é viver. Ainda bem que vim e descobri onde ficava a terras das feiticeiras que herdei e desconhecia.

Até agora limito-me a evocar cheiros, imagens e sons doutras eras, relembro memórias várias que tentei descrever nos meus livros ChrónicAçores. Sei que esta vinda que tínhamos planeado, pode ser (provavelmente) a última e quero guardar as imagens para me fazerem companhia nos dias que me faltam, como as recordações várias doutras eras (há 50 ou 60 anos) me acompanharam naqueles países distantes.

Aproveito para curtir o ruído destes silêncios profundos, parece que a aldeia não tem vivalma, até que ouço um helicóptero (já o ouvira esta manhã). Dizem-me que deve ser mais uma evacuação médica do INEM que isto por aqui a saúde não tem grandes centros nem urgências. Até a saúde está desertificada como todos estes locais, sem serviços nem gente.

 Ter um AVC aqui é meio caminho andado para o cemitério.

Há estradas, vias rápidas, as velhas nacionais 215 e a 315, foram asfaltadas, mas não há gente nem movimento, e este é tão diminuto como há 60 anos. Desde esta manhã senti e vi uma carrinha (seria a do pão?), um táxi de Alfândega e apenas 3 viaturas entraram ou saíram da Eucísia (mas podiam ir ou vir de Santa Justa, que agora a Eucísia já não é um buraco sem saída como nos meus tempos áureos). Uma das viaturas era uma moto-quatro com atrelado e coisas agrícolas.

Agora que há meios, não há gente para usufruir deles que tanta falta faziam quando estas férteis terras produziam tanta agricultura (que a Europa suspendeu), enquanto hoje custa ver estas encostas pejadas de oliveiras, inúmeras árvores de frutos, sem vivalma para as apanhar.

 Tanto que isto podia ser um celeiro da nação e nem gente há para tratar delas. Dizem-me que a amêndoa de há 2 anos ficou armazenada sem se vender por preços irrisórios que nem cobriam as despesas da apanha.

Dos emigrantes que nestas últimas décadas usaram para sobreviver nas colheitas, dizem-me que os ucranianos são os mais voluntariosos, já se foram os romenos de triste memória e vieram os búlgaros, igualmente uma desgraça. Portugueses nem vê-los. Pastores que tantos havia, nem um só vi nestas terras imensas onde o gado era preciso para comer as ervas e evitar incêndios, abrindo vias de limpeza entre olivais, sobreiros e castanheiros, etc.

Os quatro turistas ingleses, do norte rural da Grã-Bretanha, com quem falei, foram-se ao fim da manhã mas já cá tinham estado antes, deixando de ir ao Algarve para virem aqui e até trouxeram outro casal este ano.

A quinta ficou mais silenciosa ainda e da aldeia não chegam vozes nem ruídos, nem mesmo dos trabalhadores que estão a renovar um casebre doutros primos, lá embaixo, junto ao portão de entrada da Quinta para quem vem da igreja. Ontem faziam muito barulho, a martelar, hoje apenas anda lá um homem nas obras, mas é um rapaz “discreto” e trabalha silenciosamente.

A minha prima, dona disto, de manhã ao mostrar-me a minha parte da Quinta das Feiticeiras, apanhou uma centena de laranjas, maduras e sumarentas, que mais ninguém vai apanhar e futuros hóspedes daqui irão usufruir. Apesar da idade (é mais nova um ano do que eu) ela não parou um minuto, a cozinhar, limpar, fazer o almoço, preparar o jantar, descascar batatas, fazer sobremesas e outras comidas. Comentei que a ética de trabalho da nossa geração é bem mais intensa do que a dos mais jovens, nossos descendentes, como constatei aqui e noutras instâncias.

O barulho nas obras ao fundo da quinta aumentou e descortino, daqui de cima, um segundo vulto, mas pela lentidão com que trabalham, e com a minha habitual ironia satírica, interrogo-me se não serão meus conterrâneos açorianos…

A temperatura era de 12 ºC esta manhã, subiu para 16 ºC ao pequeno-almoço e atinge agora 24 ºC, e o vento forte desta manhã já amainou.

O suave zumbido do míni frigo quase abafa o cântico de pássaros cuja voz desconheço.

 De manhã vi uma enorme ave de rapina e disseram que era um gavião, bem maior do que as águias-de-asa-redonda dos nossos AÇORES, a que chamam milhafre…

Descansei após o almoço com o barulho deste enorme silêncio que me rodeia e me faz imaginar que na aldeia não viva já ninguém, a não ser as memórias da minha juventude e infância.

 23.00 dia 12/6/2024 esta é a minha última noite na Eucísia. Jantei com os primos, mais cedo, pois tinham cá 9 convivas de fora que vinham jantar (eles servem refeições além do turismo rural).

Ficamos na cavaqueira, depois de um di em que a prima Beatriz passou o dia a ajudar o filho e nora nos cozinhados e arrumações.

Depois do almoço desci à aldeia a ver as ruínas da casa onde, em tempos, sonhei terminar os dias. Herdei com mais 3 estas ruínas, que uma viúva de um primo não quer vender e eu sem dinheiro para as reabilitar como sonhei tanta vez. Depois, fui lá ao alto à capela de S Sebastião de vistas majestosas sobre as serras circundantes, agora recortadas pelo IC5 e outras vias rápidas que pecam por terem chegado com 60 anos de atraso, pois quando aqui havia muita gente (800 pessoas em 1960) e eram precisas as estradas cortadas em finais de 1800, eram em terra batida e pó a rodos. Hoje temos estradas e outros meios. Gratos devemos estar por elas terem finalmente chegado, mas não temos gente na aldeia, que tem muita casa nova, algumas bem modernas e bem equipadas, diferentes do surto da típica casa de emigrante dos anos 60 e 70 e 80 que proliferavam, as casas tipo “maison” como se dizia. Na minha incursão pela aldeia onde apenas uma pessoa ainda me conhece (e não a vi) vislumbrei 3 almas vivas, duas a conversar junto a uma construção esquisita junto à parte de trás da igreja e outra na parte leste da nossa casa a tentar remendar um problema num trator.

Fui, obviamente, à ancestral Fonte da Grichinha beber água como sempre fiz para me tornar um feiticeiro, como o meu filho mais novo dizia em pequeno. Assim fiz dezenas de vezes sempre que estava na Eucísia. Amanhã de manhã iremos ao Sendim da Ribeira e tenho de estar no aeroporto pelas 18.00 para regressar à minha Atlântida.

13/6/2024 - Saímos de manhã a tomar café em Alfândega em frente ao jardim municipal bem tratado, e conheci mais um primo quarentão que nunca tivera o desprazer de encontrar. Depois, continuei a minha romagem de saudade até ao Sendim da Ribeira, terra do primo Artur que vive em PDL. A casa dos pais dele está bem pintada, mas abandonada e parece em bom estado embora por dentro continue sem modernices nem confortos. Ainda descobri a “Casa do Alto” (doutras primas e tia) na Rua do Cabeço onde se ficava quando se vinha de burro da Quinta da Bendada para a missa dominical e onde me lembro de nos escondermos debaixo da cama, embrulhados num cobertor de papa, a rezar a Santa Bárbara por conta das perigosas trovoadas secas que ali tonitruavam no verão. Ali cantei no início dos anos 60 para os miúdos da aldeia segundo há anos descobri num apontamento com o nome das musiquinhas interpretadas…

Depois, a Beatriz quis mostrar-me as ilhas artificiais criadas pela nova barragem do Sabor em Santo Antão da Barca (uma monstruosidade de Santuário) cuja capela foi desmontada e levada, pedra a pedra, para o novo local lá em cima. Excelente local para ter um restaurante e uma majestosidade inútil este Santuário usado apenas uma vez ao ano.

A barragem fez submergir a velhinha Ponte de Remondes na rota do Mogadouro e onde o meu avô nunca descansava, sem nos levar em piquenique, apesar de não haver sombras nem outras razões que justificassem ir ali.

Seguimos rumo a Vila Real onde almoçamos em pleno feriado de santo António, ali celebrado e na mesa ao lado o Ascenso Simões, candidato eterno do PS por Vila Real.

No Porto, fui ver a casa onde a minha mãe habitou por mais de 60 anos, fui ver o nosso apartamento, vendido há 2 anos em Santa Luzia, Prelada (Monte dos Burgos) e atualizei -me com as inovações de hipermercados nas redondezas. Nesse fim de tarde regressei a casa, i.e. aos Açores onde vivo e conto morrer, satisfeito pela saída, pela viagem, pelas memórias revividas e recuperadas e apenas lamentei que a minha mulher Helena (a Nini) não estivesse comigo, como sempre esteve, para ter feito esta viagem como a congeminámos…

